



Da polêmica aos discursos de ódio: um estudo da recepção no *twitter* sob a perspectiva semiolinguística

From controversy to hate speech: a study of reception on twitter from a semiolinguistic perspective

Mônica Santos de Souza Melo

Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, Minas Gerais / Brasil

monicassmelo@yahoo.com.br

<http://orcid.org/0000-0002-6502-9280>

Resumo: Esse artigo tem como objetivo contribuir para o estudo da recepção no âmbito da Análise do Discurso, analisando o tênue limite entre manifestações polêmicas e discursos de ódio em comentários de internautas em resposta a um vídeo publicado pelo ex-deputado Jean Wyllys, intitulado “Qual dos dois está mais próximo dos – ou segue mais os – ensinamentos deixados por Jesus nos evangelhos? Qual dos dois preserva mais os verdadeiros valores cristãos?” A partir das contribuições de Charaudeau (2008) e Barros (2015), dentre outros, procuramos analisar os comentários produzidos pelos internautas sobre essa mensagem. Por meio da diferenciação de manifestações de concordância e discordância, identificamos os casos de rejeição extrema ao locutor, os quais ultrapassam o plano da polêmica e se caracterizam como discursos de ódio, revelando, nos dados analisados, traços da chamada matriz ideológica da direita conservadora.

Palavras-chave: discurso; discursos de ódio; religião; política.

Abstract: This paper aims to contribute to the study of reception within the scope of Discourse Analysis, analyzing the fine line between controversial manifestations and hate speech in comments by Internet users in response to a video published by former deputy Jean Wyllys, entitled “Which of the two is closest to – or more closely following – the teachings left by Jesus in the gospels? Which of the two most preserves true Christian values?” Based on the contributions of Charaudeau (2008) and Barros (2015), among others, we seek to analyze the comments produced by Internet users on

this message. Through the differentiation of expressions of agreement and disagreement, we identified cases of extreme rejection to the speaker, which go beyond the scope of the controversy and are characterized as hate speech, revealing, in the analyzed data, traces of the so-called ideological matrix of the conservative right.

Keywords: discourse; hate speech; religion; politics.

Recebido em 20 de março de 2020

Aceito em 25 de maio de 2020

1 Introdução

O Brasil tem vivido momentos de efervescência política, desde o processo de afastamento da ex-presidente Dilma Rousseff, que chegou a termo em 2016. O país vive, desde então, uma polarização política entre esquerda e direita que repercutiu em todos os setores da sociedade. A eleição, em 2018, de Jair Bolsonaro, representante da extrema direita, que defende uma política neoliberal e princípios ultraconservadores, fomentou o debate em torno de questões de ordem política, econômica, social e moral. As manifestações públicas de Bolsonaro a favor da ditadura, da tortura e da homofobia, além de todas as ações do seu governo contra os menos favorecidos, as minorias, as universidades, a cultura, o meio ambiente, entre outros, têm causado reações, favoráveis e contrárias.

Grande parte dessas reações tem se materializado por meio de publicações nas redes sociais, espaço que tem se mostrado um cenário privilegiado para o debate público em torno de temas de interesse geral. As mensagens publicadas nesses ambientes não se restringem a agentes políticos, mas são também, e em grande parte, de responsabilidade de representantes de algumas instituições, como líderes religiosos, sindicalistas, dirigentes de universidades e também de cidadãos comuns.

Uma das personalidades que tem se mostrado mais ativas no sentido de comentar e questionar os direcionamentos adotados pelo atual governo é o ex-deputado federal Jean Wyllys. Jornalista, professor universitário e político filiado ao PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), Wyllys foi reeleito em 2018, porém abriu mão do terceiro mandato, para sair do Brasil, justificando essa atitude por estar sendo vítima de ameaças.

Em declaração ao jornal *Folha de S. Paulo*, o deputado afirmou que as intensificações de ameaças de mortes, recorrentes antes mesmo da execução de Marielle Franco,¹ e a atuação da milícia no estado do Rio de Janeiro, levaram-no a tomar essa decisão (BARROS, 2019).

Jean Wyllys tem se expressado pelas mídias sociais a respeito de uma série de temas que dizem respeito à realidade brasileira. Suas publicações, porém, são alvos de uma série de manifestações, em grande parte, contrárias ao seu posicionamento, manifestações essas que muitas vezes ultrapassam o limite da discordância em relação a suas opiniões e extrapolam para o nível das agressões pessoais.

Diante desse cenário, nosso artigo tem como objetivo contribuir para o estudo da recepção no âmbito da Análise do Discurso, no sentido de propor, a partir de trabalhos de Charaudeau (2008), Amossy (2017) e Barros (2015), alguns parâmetros que permitam interpretar o tênue limite entre manifestações polêmicas e discursos de ódio e, por meio desses parâmetros, descrever e analisar os comentários de internautas em resposta a um vídeo publicado pelo ex-deputado Jean Wyllys, intitulado “Qual dos dois está mais próximo dos – ou segue mais os – ensinamentos deixados por Jesus nos evangelhos? Qual dos dois preserva mais os verdadeiros valores cristãos?” A mensagem e os comentários, objetos de nossa análise, foram publicados no *twitter*, no dia 06 de outubro de 2019, e se referem à iniciativa do papa Francisco de convocar o Sínodo da Amazônia, para discutir o problema dos desmatamentos e queimadas na região amazônica. Trata-se de um vídeo que obteve, até o dia 08 de outubro de 2019, 72 comentários, os quais pretendemos analisar a partir do quadro teórico e metodológico que será apresentado a seguir.

Nosso artigo vai se organizar da seguinte forma: primeiro, vamos apresentar uma breve discussão em torno das redes sociais e do *twitter* como espaço de debate sobre temas relevantes e de promoção do capital social dos internautas. Depois vamos apresentar o referencial teórico e metodológico que vai nortear nossa análise, para, em seguida, discutir a questão da polêmica e do discurso de ódio, a partir dos parâmetros existentes e daqueles por nós propostos e, finalmente, analisar os comentários selecionados.

¹ Referência à vereadora carioca do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) Marielle Franco, assassinada em março de 2018.

2 Interações via *twitter* como gênero situacional

O *twitter* é uma das redes sociais mais populares em todo o mundo, sendo uma ferramenta que concilia características de *blog*, rede social e mensageiro instantâneo. Permite aos usuários publicarem um perfil público, e interagirem por meio dele, fazendo postagens públicas, seguindo e sendo seguido por outros usuários. De acordo com Recuero (2012), as redes sociais (dentre elas o *twitter*) proporcionam:

(1) a construção de um perfil público ou semi-público em uma determinada ferramenta; (2) a articulação de uma lista de conexões (também pública ou semi-pública) e (3) a possibilidade de ver e navegar nessas conexões disponibilizadas na mesma ferramenta. Esses elementos, assim, permitem a publicação das redes sociais e a sua visualização por parte de outros atores. (RECUERO, 2012, p. 598.)

O *twitter*, assim como as redes sociais em geral, tem colaborado para o surgimento de um novo espaço público de discussão de temas variados. Sua utilização corresponde, ainda, a um processo de ampliação do uso dessas redes, que têm sido cada vez mais utilizadas por instituições e seus representantes que passam a usá-las estrategicamente para publicação de conteúdos pessoais e institucionais, e como mecanismo de captação.

Podemos descrever a configuração das interações via *twitter* como um gênero situacional, adotando os parâmetros descritos por Charaudeau (2004). Para esse autor, os chamados gêneros situacionais são frutos da situação de comunicação, das identidades dos parceiros do ato comunicacional, da situação na qual esse ato se realiza e da finalidade desse ato. Em outras palavras, o que os participantes fazem no ato linguageiro, o contexto e a finalidade desse ato configuram as situações de comunicação.

Focalizaremos, aqui, a finalidade do gênero interações via *twitter*, levando em conta a relação entre as identidades dos parceiros da troca (e as escolhas dos modos enunciativos a elas associadas), o propósito comunicativo e as circunstâncias materiais nas quais se localizam as situações de comunicação que compõem o *corpus*.

Com relação à finalidade, o *twitter* pode assumir várias visadas.² Dentre elas, predominam as de informação e de incitação. Na visada de “informação” o sujeito locutor (o *eu*) encontra-se numa posição de querer “fazer saber”, enquanto o seu interlocutor (o *tu*) encontra-se na posição de “dever saber” algo sobre a existência dos fatos, ou sobre o porquê ou o como de seu surgimento. Na fala de Wyllys, a finalidade de informação se materializa em vários enunciados que trazem um saber a respeito do propósito da mensagem, que é o Sínodo da Amazônia e a atuação do Papa Francisco a favor da preservação do meio ambiente, em comparação com a do presidente Bolsonaro. Um exemplo é:

1) Hoje começa o Sínodo da Amazônia, uma reunião dos bispos da região amazônica com o papa Francisco no Vaticano que estarão reunidos por três semanas.

Quanto à visada de incitação, o *eu* quer “mandar fazer”, porém, não possuindo autoridade explícita sobre o outro, não pode obrigá-lo a fazer algo, mas apenas incitá-lo. Para isso, procura “fazer acreditar” (por persuasão ou sedução) ao *tu* que ele será o beneficiário de seu próprio ato. É o que se observa na passagem seguinte, em que a incitação aparece na forma de um questionamento, que leva o internauta a refletir sobre o comportamento do presidente Bolsonaro em comparação com o do papa Francisco, a fim de que o internauta se convença de que o presidente não age como um verdadeiro cristão:

2) Mas eu pergunto a todas e todos vocês: quem é mesmo que está mais próximo de Jesus e seguindo o exemplo de Jesus: Bolsonaro e a direita católica ou o papa Francisco?

Essa incitação, no *twitter*, é favorecida pelo chamado efeito “cascata”. Para Kleinberg e Easley (2010), através das redes sociais, os indivíduos se influenciam mutuamente. As postagens dos usuários podem impactar a decisão de outros, gerando um comportamento de

² Para Charaudeau (2004), o termo “visada” corresponde a atitudes enunciativas derivadas da orientação pragmática dos atos comunicativos, tendo em vista sua orientação pragmática e sua ancoragem situacional. Os tipos de visada são, portanto, definidos por um duplo critério: a intenção pragmática do *eu* em relação à posição que ele ocupa como enunciatador na relação que o liga ao *tu* e a posição que o *tu* deve ocupar.

massa. Esse efeito resulta do potencial das redes de difusão e retorno rápido das mensagens postadas.

Com relação à identidade dos participantes, embora as interações via *twitter* estejam inseridas no domínio de comunicação midiático, elas envolvem uma instância produtora que pode estar vinculada a domínios variados (político, religioso, cidadão). De acordo com Klenberg e Easley (2010), nas redes sociais é possível ter, como fonte das mensagens, vários atores sociais, ao contrário do que ocorre, em geral, nas mídias tradicionais. As redes proporcionam, portanto, maior visibilidade para todos os seus nós, democratizando o acesso e a produção de informações. Assim, quando o usuário publica uma informação, ela atinge outros usuários que, por sua vez, podem replicar a mensagem. Isso caracteriza esse espaço como mais “democrático”, promovendo uma maior aproximação entre os usuários, característica essa que vai repercutir na construção da imagem do sujeito enunciador.

O propósito, isto é, os modos de tematização, que dizem respeito à organização de temas e subtemas, em geral giram em torno de acontecimentos do espaço público, isto é, questões do cotidiano e de interesse geral. Mais raramente, essas publicações podem também estar ligadas a manifestações de cunho pessoal. Na mensagem analisada, o propósito é levar o internauta a acreditar que Bolsonaro, ao contrário do Papa Francisco, não se comporta como um verdadeiro cristão.

As circunstâncias, que se referem às condições materiais da comunicação, envolvem uma comunicação digital, com uso de textos, imagens e vídeos, que têm uma permanência ilimitada, o que permite que as mensagens sejam visualizadas e comentadas por um período de tempo indeterminado após a sua publicação.

Nesse espaço, o usuário tem a possibilidade de construir uma imagem de si através do discurso, sendo esse um dos principais fatores responsáveis pela sua aceitação e, conseqüentemente, pela repercussão de suas ideias. E por ser um espaço, a princípio, democrático, é possível uma interação e uma proximidade maior entre os usuários. Contudo, por se tratar de uma situação específica de comunicação, esta impõe a seus usuários restrições específicas. Essas restrições também se impõem às instituições e a seus representantes que adotam o *twitter* para se comunicar com o público. Nesse sentido, o *twitter* estabelece algumas regras gerais para os usuários, identificando alguns comportamentos que não são permitidos nesse ambiente, tais como, o uso de “robôs” ou de

aplicativos para publicar mensagens semelhantes a partir de palavras-chave; manifestações agressivas ou cujo conteúdo seja nocivo ou abusivo; anúncios inapropriados, dentre outros.³

3 As interações nas redes sociais e a constituição do capital social, do ponto de vista discursivo

Concordamos com a tese defendida por alguns autores, dentre os quais Recuero (2009), de que as redes sociais, na atualidade, podem ser responsáveis pela construção do capital social dos indivíduos. Adotamos a definição de Bourdieu (1998), para quem a noção de capital social representa

[...] o conjunto dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento mútuos, ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como o conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também que são unidos por ligações permanentes e úteis. (BOURDIEU, 1998, p. 67).

Sendo assim, o capital social se relaciona a resultados obtidos a partir de relações mais ou menos institucionalizadas que o sujeito estabelece ao longo da vida. Aplicando essa noção às práticas discursivas próprias das redes sociais, podemos dizer que nelas ocorre a predominância de posicionamentos de concordância ou de não concordância. Trata-se da repercussão dos comentários, respostas, réplicas e tréplicas a partir da situação inicial ou das novas interações que dela se originam, que pode colaborar para a construção do capital social do autor da publicação original ou, dependendo do caso, do sujeito por ele promovido. Sendo assim, defendemos que a criação de um capital social positivo, por meio das redes sociais, pode ser um fator de captação do internauta, que colabora na promoção do ponto de vista defendido por determinado ator social.

³ Informações disponíveis em: <https://help.twitter.com/pt/rules-and-policies/twitter-search-policies>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Putnam e Elisson (*apud* RECUERO, 2012) também adotam o conceito de capital social, a fim de interpretar, no âmbito das redes sociais, uma espécie de jogo de seguir e ser seguido típico desse ambiente, que revela valores coletivos. Assim, uma vez que o capital social estaria relacionado às conexões sociais, ou seja, ao pertencimento a um grupo social, as redes sociais são relevantes para a sua obtenção e sustentação, uma vez que estão relacionadas a seis valores relevantes para sua promoção, a saber: visibilidade (o fato de o sujeito estar visível na rede); reputação (a percepção do ator por outros atores); autoridade (o nível de conhecimento ou de competência que a rede atribui ao ator); popularidade (o número de conexões que tem o perfil, identificado pelo número de seguidores, comentários, compartilhamentos e respostas); interação (possibilidade de troca conversacional) e suporte social (nível de retorno para uma solicitação). Ou seja, ao publicar uma mensagem nas redes sociais, o sujeito comunicante não apenas expõe um conteúdo, mas também se expõe publicamente, podendo angariar, com isso, capitais positivos provenientes dos valores descritos acima. Contudo, dependendo da repercussão e do nível de polêmica ou de não-engajamento expresso nos comentários, isso pode afetar negativamente alguns desses valores, especialmente sua reputação, autoridade e popularidade, como veremos ao longo da nossa análise.

Para se analisarem as interações nas redes sociais, é essencial que se aborde a instância de recepção. Esse aspecto vem sendo introduzido, gradativamente, nos estudos discursivos, tendo em vista sua importância para a compreensão do funcionamento do ato de linguagem. No âmbito da Teoria Semi linguística do Discurso, de Patrick Charaudeau (2008), as relações sociodiscursivas, que comportam o espaço da recepção, estão circunscritas àquilo que ele chama de “circuito externo de comunicação”, que envolve os seres envolvidos nos atos de fala enquanto sujeitos psicossociais. É o que veremos a seguir.

4 Uma tipologia básica para o estudo da recepção nas redes sociais: os comentários do *twitter* vistos sob a perspectiva semi linguística

No âmbito da Teoria Semi linguística do Discurso, de Patrick Charaudeau (2008), as relações sociodiscursivas, que comportam o espaço da recepção, estão circunscritas àquilo que ele chama de “circuito externo de comunicação”, que envolve os seres envolvidos nos atos de fala enquanto sujeitos psicossociais.

Para entender melhor como se insere a recepção no esquema enunciativo proposto por Charaudeau (2008), é necessário saber que esse autor distingue, na instância de produção do discurso, um sujeito que se desdobra em EU-enunciador e o EU-comunicante. O EU-e é um ser de fala, presente explícita ou implicitamente em todo ato de fala. Trata-se de uma imagem de enunciador produzida pelo sujeito produtor da fala (o EU-c), representando seu traço de intencionalidade na instância de produção do ato de linguagem.

Na instância de recepção, também temos o desdobramento de dois seres: o TU-destinatário e o TU-interpretante. O primeiro é um interlocutor idealizado pelo EU, que pode estar explicitamente marcado ou não no ato de linguagem. Já o TU-interpretante é o responsável pelo processo de interpretação. Quando se fala de recepção, é esse sujeito interpretante e sua reação que interessa ao pesquisador. No entanto, como afirma Charaudeau (2008, p. 46), esse sujeito “escapa ao domínio do EU”, uma vez que nem sempre corresponde ao ser idealizado pelo falante. Ou seja, uma ordem direciona-se a um TU-d, ser idealizado que, provavelmente, reconhecerá no locutor uma autoridade e, conseqüentemente, uma posição de subordinação em relação a esse locutor. Porém, o sujeito real ao qual essa ordem vai se dirigir pode não corresponder, necessariamente, ao sujeito real que receberá essa ordem. O Tu-i se define, portanto, como um ser real, que atua fora do ato de enunciação, sendo o responsável pelo processo de interpretação do discurso.

Segundo Charaudeau (2010), o espaço de recepção é o espaço da prática social em que o sujeito deve atribuir sentidos ao ato de comunicação. Trata-se, portanto, do espaço dos efeitos produzidos. Para o autor, nas situações de comunicação em que o sujeito interpretante é plural e heterogêneo (como na comunicação midiática), a possibilidade de coincidência entre o efeito visado pelo locutor e o efeito produzido pelo receptor é ainda menor. Para o autor,

[...] esse sujeito interlocutor é um ator social que tem sua própria autonomia em sua ação de interpretação; ele se dedica a essa atividade em função de sua própria identidade social, da identidade social do locutor que ele percebe, das intenções que lhe atribui, de seu próprio conhecimento de mundo e de suas próprias crenças. (CHARAUDEAU, 2010, p. 5.)

Entre os sujeitos do discurso existe, para Charaudeau (2010), uma relação contratual que depende de três componentes: o comunicacional, que diz respeito ao quadro físico da situação; o psicossocial, que se refere aos estatutos ligados aos parceiros, tais como idade, sexo, categoria socioprofissional, etc.; e o intencional, que diz respeito ao que está sendo dito e à intenção estratégica subjacente ao ato de linguagem.

Vamos considerar os textos produzidos no âmbito da recepção como discursos de comentário. Para Charaudeau (2006), esse tipo de discurso revela a opinião do sujeito que comenta. Ele é uma espécie de termômetro que permite avaliar a repercussão dos discursos os quais repercutem.

O TU-interpretante, responsável nesse esquema pelo processo de interpretação, está sujeito a restrições, ou seja, seu comportamento depende das circunstâncias do discurso que o levam, entre outras coisas, a “calcular os riscos de suas reações possíveis (CHARAUDEAU, 2008, p. 46). Diante de discursos predominantemente argumentativos, esse sujeito é levado a se posicionar em relação à proposta apresentada e ao sujeito que emite a proposta, adotando algumas atitudes em relação ao ator social emissor da proposta e/ou àquilo que é dito. Partindo da descrição de Charaudeau (2008), propomos que essas atitudes podem ser, basicamente, de concordância ou de discordância.

Dentre as atitudes de concordância, identificamos as seguintes reações possíveis:

1. *aceitação do dito*: o sujeito interpretante revela aceitar o dito, por meio de enunciações de concordância em relação à publicação original;
2. *aceitação do estatuto do emissor*: o sujeito interpretante reconhece no emissor autoridade, crédito, saber, ou carisma. Esse reconhecimento independe, contudo, daquilo que foi dito;
3. *reduplicação*: trata-se de uma atitude típica das redes sociais, já que elas possibilitam a reduplicação do dito, com compartilhamento da mensagem original. Entende-se que o sujeito interpretante que compartilha a mensagem original não apenas demonstra concordância, mas também se torna corresponsável por ela, a não ser que essa reduplicação venha acompanhada de um comentário questionando seu conteúdo.

Dentre as atitudes de discordância, pode haver:

1. *rejeição do dito*, com discordância em relação ao que foi dito, frequentemente acompanhada de predicados que desqualificam a publicação. Pode vir, ou não, acompanhada de questionamentos ou de contraargumentos à proposta defendida;
2. *rejeição do estatuto do emissor*: questionamentos que podem girar em torno da credibilidade e da legitimidade do sujeito para tratar do assunto abordado ou de sua identidade social, independente do que tenha dito.

Vejamos, a seguir, como o discurso polêmico e, por conseguinte, o discurso de ódio se relacionam ao esquema descrito acima.

5 Atitudes de discordância: o discurso polêmico

O não-engajamento ou discordância, descritos acima, podem instaurar a polêmica no discurso. O conceito de polêmica vem sendo abordado no âmbito dos estudos discursivos por alguns autores, dentre os quais destacaremos o trabalho Amossy (2017), que faz uma releitura de Kerbrat-Orecchioni (1980). Amossy (2017) traça um percurso sobre a noção de polêmica, desde a retórica até os estudos discursivos. Entende que, diferente do que propõe a retórica tradicional, a polêmica, e não apenas o consenso, pode estar situada no domínio da argumentação. Nesse sentido, a autora propõe que a argumentação é um continuum, do qual faz parte o debate em torno de teses divergentes, o choque de posições antagônicas.

No âmbito dos estudos discursivos, Amossy resgata a definição de discurso polêmico de Kerbrat-Orecchioni (1980). Para essa autora, o discurso polêmico é fortemente dialógico, caracterizando-se por se opor ao discurso do outro, desqualificando esse discurso ou desqualificando o próprio enunciador. Para Kerbrat-Orecchioni (1980), no discurso polêmico, há o confronto de teses antagônicas que refletem diferentes opiniões sobre um determinado tema, por meio de procedimentos retóricos e discursivos, tais como a negação, a marcação axiológica (avaliação em termos de bem/mal), citações, ironias, hipérboles, entre outros. Essa situação envolveria uma polarização em torno de opiniões que não são totalmente individuais, mas que representam posições de grupos. Porém, essa polêmica não implica necessariamente a violência verbal. Quando

se extrapola da polêmica para a violência verbal, rejeitando-se, de forma extrema, não o dito, mas aquele que o disse, tem-se a expressão do ódio.

Tentaremos, nas seções seguintes, articular a abordagem discursiva da polêmica, resumida acima, ao discurso de ódio para, finalmente, analisar os dados em questão.

6 Do discurso polêmico ao discurso de ódio

Entendemos, a partir da descrição acima, que o discurso de ódio vai além do não-engajamento ou da discordância em relação ao pensamento ou àquilo que o outro disse, ou seja, entendemos que ele extrapola a polêmica. Propomos que se compreenda o discurso de ódio como uma manifestação verbal que diz respeito ao comportamento de rejeição extrema do estatuto do emissor, que promove a violência e a hostilidade, sobretudo contra pessoas pertencentes a grupos mais vulneráveis, em função sua identidade social.

O discurso de ódio é objeto de estudo de alguns pesquisadores da área do Direito. Meyer-Pflug (2009) compreende o discurso de ódio como a manifestação de “ideias que incitem a discriminação racial, social ou religiosa em determinados grupos, na maioria das vezes, as minorias”. (MEYER-PFLUG, 2009, p. 97). Sarmiento (2006) aborda o discurso de ódio como “manifestações de ódio, desprezo ou intolerância contra determinados grupos, motivadas por preconceitos ligados à etnia, religião, gênero, deficiência física ou mental ou orientação sexual, dentre outros fatores [...]”. (SARMENTO, 2006, p. 54-55). De acordo com Shafer, Leiva e Santos (2015, p. 147): “O discurso de ódio está dirigido a estigmatizar, escolher e marcar um inimigo, manter ou alterar um estado de coisas, baseando-se numa segregação. Para isso, entoa uma fala articulada, sedutora para um determinado grupo, que articula meios de opressão.” Consequentemente, esse tipo de discurso pode provocar efeitos altamente nocivos, como aponta Brugger (2007), para quem essas manifestações podem provocar dois tipos de efeitos: os imediatos (insultar, assediar, intimidar) e os mediatos (instigar a violência e/ou a discriminação).

No âmbito dos estudos discursivos, destaca-se a contribuição de Barros (2015), a respeito dos chamados “discursos intolerantes”. Para a autora, os discursos intolerantes se pautam em quatro percursos temáticos:

a animalização do outro; a anormalidade do diferente; o caráter doentio do outro e a imoralidade do outro (ser sem ética). Segundo a autora:

[...] os discursos intolerantes desenvolvem temas e figuras a partir da oposição semântica fundamental entre a igualdade ou identidade e a diferença ou alteridade, e, com base nisso, constroem quatro percursos temáticos e figurativos mais frequentes: o da animalização e desumanização do “outro”, a que são atribuídos traços físicos e características comportamentais de animais; o da “anormalidade” do diferente, que é e age contra a “natureza”; o do caráter doentio e esteticamente condenável da diferença, pois, nesse percurso, o diferente é considerado como doente e como louco, em oposição aos sadios de corpo e mente, e, enquanto “doente”, também como feio; o da imoralidade do “outro”, de sua falta de ética. (BARROS, 2015, s/p.)

A partir dos dados que analisamos, propomos que podem ser identificados, além dos quatro percursos temáticos identificados por Barros (2015), outros três temas recorrentes em discursos intolerantes, os quais identificamos como: *i.* associação do outro ao pecado; *ii.* demonização do outro; *iii.* ridicularização do outro.

A associação do outro ao pecado é recorrente em reações expressas, possivelmente, por adeptos ou simpatizantes de alguma religião, pelo fato de a publicação abordar uma temática religiosa polêmica ou pelo fato de o locutor, autor da postagem, ser considerado como uma pessoa que se enquadra em grupos segregados ou discriminados em função de dogmas ou tradições religiosas. Nessa linha, o pecado pode ser entendido como uma transgressão deliberada às leis divinas. A demonização do outro consiste também numa associação do locutor ao pecado, porém de forma exacerbada. Trata-se de identificar o sujeito como alguém possuído pelo demônio ou por espíritos malignos. A ridicularização, por sua vez, é uma avaliação do outro ou de seu comportamento como digno de provocar o riso, a zombaria. Por fim, há manifestações de ódio que se materializam não por expressões ofensivas, mas por ameaças explícitas ou veladas.

É necessário destacar que todas essas representações são qualificações subjetivas, originadas de um ponto de vista pessoal, mas submetidas às formações ideológicas às quais o comentarista se vincula.

7 Descrição e análise dos dados: discurso de ódio e imaginários do discurso conservador

A partir da articulação das propostas de Charaudeau (2008) e Barros (2015), acrescidas dos percursos temáticos por nós incorporados, procuramos trazer uma pequena contribuição à análise dos discursos de ódio, montando um quadro que nos permita descrever os dados do nosso corpus e analisar os discursos de ódio que neles se manifestam. Sendo assim, identificamos os seguintes posicionamentos:

1. *Atitudes de concordância*
aceitação em relação ao dito;
aceitação em relação ao falante.
2. *Atitudes de discordância*
em relação ao dito;
em relação ao falante:
 - rejeição ao outro;
 - rejeição extrema ao outro por: animalização; anormalidade; imoralidade; caráter doentio; imagem esteticamente condenável ou destoante do padrão hegemônico; pecado; demonização; ridicularização.

Como informamos acima, os comentários que são alvos de nosso estudo se referem a um vídeo publicado pelo ex-deputado Jean-Wyllys intitulado: “Qual dos dois está mais próximo dos – ou segue mais os – ensinamentos deixados por Jesus nos evangelhos? Qual dos dois preserva mais os verdadeiros valores cristãos?” Nesse vídeo o deputado elogia a iniciativa do Papa Francisco de realizar o Sínodo da Amazônia, evento no qual a Igreja Católica procurou orientar a atuação da Igreja Católica a favor da Floresta Amazônica e dos povos que nela vivem.

Por meio da modalidade delocutiva, em que predomina uma aparente objetividade, pelo uso de enunciados que sugerem uma verdade incontestável, Wyllys exalta a preocupação do Papa com a natureza e com os mais pobres e compara o comportamento do Santo Padre com o da direita católica e do Presidente Jair Bolsonaro. Por fim, usando a modalidade alocutiva do questionamento, transcrito no título do vídeo, incita os internautas à reflexão em torno da atuação do presidente Bolsonaro e da direita católica no Brasil.

A exaltação ao comportamento do Papa Francisco e as críticas implícitas a Bolsonaro motivaram uma série de reações de ódio ao Papa, de exaltação a Bolsonaro, mas, sobretudo, de crítica e intolerância contra a fala e a pessoa de Wyllys, por meio de discursos de ódio de internautas.

Como vimos, os discursos de ódio são aqueles em que há discordância por rejeição extrema ao outro, expressa pelos processos descritos acima. Dos 72 (setenta e dois) comentários que se sucederam à postagem de Wyllys até a data em que encerramos nosso levantamento, apenas 08 (oito) expressaram concordância ou engajamento em relação ao dito ou à pessoa de Wyllys. Todos os demais expressaram discordância ou não-engajamento, sendo que 13 (treze) representam rejeição em relação ao dito e 51 (cinquenta e um) em relação ao locutor.

Dos 51 (cinquenta e um) comentários que revelam rejeição em relação ao locutor, identificamos 38 (trinta e oito) casos de rejeição extrema, assim distribuídos⁴:

i. Animalização

- 3) Comunistas, como vc, nem acreditam em Deus. Agora defende um papa comunista? Lhama surtada

ii. Anormalidade

- 4) Em pensar que um preservativo poderia ter evitado “Isso”

iii. Imoralidade

- 5) Esse cara é muito engraçado!!! Ele fala sem saber o q fala, sem saber de quem, sem saber se é verdade, e a cada vídeo, ele muda o penteado.kakakakakakak. Ele quer aparecer, por isso ele fala, fala, fala, e ninguém entender porra nenhuma, hipocrita
- 6) E desde quando vcs estão do lado do papa! Volta para seu potinho mané
- 7) Menina CUSPIDEIRA você não engana ninguém, por trás de todos estes livros está quem cospe na cara de outros e não entende que educação e respeito são essenciais em pessoas eruditas.

⁴ Optamos por fazer uma transcrição fiel das postagens originais, mantendo, inclusive, algumas transgressões à norma culta.

- 8) Deixa de ser ridículo cara! Vc é o que tem de mais podre num ser humano, desprezível, repugnante, asqueroso aí se coloca na frente de uma prateleira de livros como se os tivesse lido a todos e começa a falar da igreja. Cara vc tem que falar é do inferno que é para lá que vc vai.
- 9) Mentiroso. Vá tocar tambor, e lave a boca para falar de Cristianismo.
- 10) Agora a menina é fã do papa ? Vc é muito vagabundo mesmo . Pqp
- 11) hipócrita, tu lá acredita em Deus
- 12) Tua é muito cara de pau, agora está defendendo o papa. Cara tu não vale nada. Chega a dar vergonha dessa tua cara lavada.
- 13) Agora vc respeita o Catolicismo? Vcs são péssimos. Vcs têm problemas de interpretação, pior, acho q é só desvio de caráter mesmo.
- 14) Lave sua boca pra falar o nome do filho de Deus! Vc não passa de lixo!
- 15) Você falando em valor cristão? Kkkkk, quanto hipocrisia!
- 16) Certamente você também não segue o exemplo de Jesus. Seu covarde, vive difamando o Brasil é tentando causar intrigas entre os brasileiros. Cria vergonha na cara e não venha aqui tentar dar licitação usando o nome de Jesus.
- 17) Um cara desse é uma piada pronta.
- 18) Lava a sua boca antes de falar de Jesus!
- 19) Sai dai macumbeiro, um religioso da umbanda querendo saber sobre cristianismo, JEANTA, por mais que você estude e diga que é intelectual nunca será, nunca!! Por mais que faça esforço as pessoas não vão gostar de você, tens algo que é repugnante, você não é um pessoa agradável.
- 20) Falando assim até parece que segue e Jesus Vcs são HIPÓCRITAS!
- 21) Olha o português, “intelectual”! Você falando de religião é tão vergonhoso quanto o Lula falando de honestidade.
- 22) Calado b4mb1, c0v4rde, fuj4o, P0mb0-suj0

- 23) Velho, quando eu penso q vc não pode ser mais falso, mentiroso e vagabundo aí vc me vem com esta, por acaso vc e mede I'm Taiwan?
- 24) Quem é tu para falar de Jesus, cara? se toca bxa...
- 25) Vergonha do #Brasil medroso hipocrita
- 26) Asco

iv. *Caráter doentio*

- 27) Meu Deus ...como vc é idiota...vc tem uma tara pelo @ jairbolsonaro não é possível

v. *Imagem esteticamente condenável*

- 28) QUANDO A GENTE PENSA QUE VC NAO CONSEGUE SER MAIS FEIO DO QUE JA ÉS, ME APARECE C ESSE CABELIN...
- 29) Que cabelo ESCROTO !!!kkkkkkkkpqp

vi. *Pecado*

- 30) Estão desesperados mas Deus é contra a homossexualidade teoria de género aborto drogas são é uns grandes mentirosos fiquem só com o vosso aliado antigo o PCC e deixem Deus em paz cuidado com a ira de Deus com Deus não se brinca.
- 31) Cara vc tem que falar é do inferno que é para lá que vc vai.
- 32) Já ouviu falar em Sodoma e Gomorra? Então não venha conspirar o Cristianismo.
- 33) Vc encontrou a cura gay? Hipócrita Levítico 20:13 Quando, também, um homem se deitar com outro homem, como com mulher, ambos fizeram abominação; certamente morrerão; o seu sangue é sobre eles.
- 34) Novamente, vc não tem moral nem ética para sequer mencionar este nome! Reveja seu pecados, peça perdão por eles, e “venha como estás”!

vii. *Ridicularização*

- 35) eu amo a esquerda porq ela me faz rir muito .
- 36) se vc está achando bom então coisa boa não é Sorry mas é assim que o povo brasileiro te vê! petista fedorento!

viii. *Demonização*

- 37) O demônio tem varias (*sic*) faces e vejo em você uma delas!
 38) O que vc sabe sobre os evangelhos?!?!?! Sua vontade é destruir o povo cristão e agora vem com essa?! Anátema! Lave a boca pra falar de Jesus!!!

Por fim, há exemplos de ameaça velada à integridade física do locutor ou a pessoas da sua família, como vemos em:

- 39) Cadê a sua mãe? Não estava sendo ameaçada? Porque ela não fugiu com você? Você só me enjoa.
 40) Jean.... um dia vou mijar no seu cadáver.

Além dessas manifestações verbais contra a integridade moral do locutor, há situações mais extremas de ameaças a sua integridade física, assim como de sua família, como encontramos no exemplo abaixo:

- 41) Cadê a sua mãe? Não estava sendo ameaçada? Porque ela não fugiu com você? Você só me enjoa.

Os dados acima têm um aspecto em comum: todas trabalham com uma representação de Jean Wyllys como ser anômalo ou que foge a um padrão, sejam eles éticos ou estéticos. Quanto a comentários que desqualificam Wyllys no domínio do ético, encontram-se os processos de animalização, anormalidade, imoralidade, caráter doentio e ridicularização. Julgamentos do domínio do ético representam uma avaliação dos comportamentos dos indivíduos em termos morais, que os definem como comportamentos certos ou errados, do bem ou do mal, a partir de um certo parâmetro que não é individual, mas que representa, quase sempre, o posicionamento de um grupo. Também esses padrões adotados por certos grupos na sociedade em diferentes épocas afetam a avaliação do corpo do indivíduo em termos do domínio do estético, definindo, entre outros, o que é feio ou bonito. Vejamos como isso se dá nos dados selecionados.

Com relação à animalização, quando o internauta se refere a Jean como “lhama surtada”, considera-se que ele tem características que fogem aos padrões normais de seres humanos. Além disso, o uso de um animal do gênero feminino, acompanhado do adjetivo “surtada”, que significa descontrolada ou neurótica, recupera a imagem estereotipada

do homossexual escandaloso, cujo comportamento vai contra os padrões considerados normais. Quanto à anormalidade, temos em (4) o uso do pronome demonstrativo “isso”, usado normalmente para apontar objetos, sendo que, no enunciado dado, é usado para se referir a Jean Wyllys. A utilização desse pronome para se referir a pessoas é visto como uma forma de denegri-las, de desqualificá-las, comparando-as a coisas, objetos e as destituindo de sua essência humana.

Também no domínio do ético, alguns comentários dirigem a Wyllys ofensas de toda a ordem, expressas por adjetivos tais como: “hipócrita”, “mané”, “desprezível”, “repugnante”, “asqueroso”, “mentiroso”, “vagabundo”, “cara de pau”, “lixo”, quase sempre expressas arbitrariamente. Essa atitude dificilmente proporciona espaço para uma contra-argumentação, uma vez que se trata, em geral, de expressões coléricas desprovidas de um embasamento racional que possa ser contestado. Essa fuga à normalidade alcança também o domínio do estético, em enunciados que expressam desprezo pela sua aparência e pelo seu cabelo.

A construção da imagem de Wyllys como alguém que rompe os padrões de normalidade avança no sentido de caracterizá-lo como uma figura doentia, como alguém que apresenta traços patológicos (idiota, tarado) e que é visto como ridículo. Por fim, extrapola para valores do âmbito religioso, descrevendo-o com o pecador ou seja, como alguém que transgredir as leis de Deus. Os enunciados que apresentam alguma justificativa para esse julgamento se pautam no fato de Wyllys ser homossexual, comportamento associado ao pecado definido pela Igreja Católica como “luxúria”, identificado, por exemplo, pela referência, nos dados, a Sodoma e Gomorra e pela citação da passagem bíblica Levítico 20:13. Alguns comentários, por fim, chegam ao extremo de associá-lo ao demônio.

Constata-se, nos comentários acima, que as expressões de ódio resgatam a identidade social do sujeito locutor, com manifestações explícitas de intolerância de gênero, religiosa e política, direcionadas, no caso em análise, à identidade do locutor como homossexual, umbandista e político de esquerda, respectivamente. Essas manifestações dizem muito sobre os sujeitos comunicantes, responsáveis pelas postagens. Embora não tenha sido nosso objetivo investigar quem são os autores da postagem, interessa-nos, além de levantar o conteúdo dessas postagens, entender os imaginários que elas representam.

A partir de Charaudeau (2007), podem-se compreender os imaginários como um modo de apreensão do mundo, associado a valores, crenças e conhecimentos que são configurados nas práticas linguageiras por meio dos discursos socialmente situados. Diante dos dados levantados, podemos identificar imaginários típicos do discurso conservador, conforme definido por Charaudeau (2016).

Ao analisar o fenômeno populista, Charaudeau (2016, p. 38) definiu “sistemas de crenças” que caracterizam os posicionamentos de direita e de esquerda, os quais ele denomina “matrizes ideológicas”. Para o autor, a matriz ideológica de direita apresenta as seguintes características: visão do mundo na qual a natureza se impõe ao homem, ou seja, visão da desigualdade como algo próprio da natureza humana e, portanto, das relações entre os homens como relações de força, de dominação; defesa de valores, tais como, família, trabalho (baseado em relações hierárquicas); a defesa da nação, como patrimônio identitário e a reação contrária a qualquer “inimigo” que tenta invadir ou desagregar o corpo social. Essas características, segundo Charaudeau (2016), definem alguns comportamentos característicos da doutrina de direita. Trata-se de comportamentos que caracterizam uma tendência ao conservadorismo. São eles: o *autoritarismo*, que visa impor obediência aos valores por ela defendidos e a ordem moral; a *segregação*, que faz distinção das pessoas em razão de raça, etnia, religião; e o *patriarcado*, em que homens mantêm o poder político, autoridade moral e privilégio social em relação às mulheres.

Grande parte dos comentários descritos acima traz a expressão de intolerância de gênero e religião, como destacamos nos seguintes exemplos:

- 42) Sai dai macumbeiro, um religioso da umbanda querendo saber sobre cristianismo, JEANTA, por mais que você estude e diga que é intelectual nunca será, nunca!! Por mais que faça esforço as pessoas não vão gostar de você, tens algo que é repugnante, você não é um pessoa agradável.
- 43) Agora a menina é fã do papa ? Vc é muito vagabundo mesmo.
Pqp

Também o autoritarismo é marcado por algumas expressões de interdição à palavra do outro, que, a despeito de qualquer tentativa de

diálogo em torno da proposta que se apresenta, vem, impor, de forma violenta, o silêncio ao locutor:

44) Calado b4mb1, c0v4rde, fuj4o, P0mb0-suj0

Por fim, tanto a intolerância de gênero quanto o autoritarismo que se apresentam nas mensagens se materializam também em xingamentos que atribuem traços de imoralidade ao autor da publicação. Tais manifestações são reflexos da sociedade patriarcal e capitalista em que vivemos, conforme aponta Zanello (2008). Para a autora, o xingamento é

[...] um sintoma da sociedade na qual ele aparece (no nosso caso, patriarcado capitalista), e mostra, justamente pelo caráter de ofensa que ele contém, as regras e valores apregoados por essa sociedade. Além disso, o xingar é ato de fala que não apenas repete esse valores, mas os reafirma. Em outras palavras, independentemente da consciência do falante ao proferi-los, os xingamentos veiculam uma prática baseada nos valores atribuídos aos diferentes gêneros. (ZANELLO, 2008, s/p.)

Segundo a autora, essas manifestações por meio de xingamentos representam mecanismos repressivos e constitutivos de manutenção de poder.

Se, como vimos acima, as redes sociais podem ser, pelo menos parcialmente, responsáveis pela promoção de um capital social dos sujeitos envolvidos nas interações, constatamos que os comentários analisados contribuem para construir uma imagem negativa do sujeito locutor, responsável pela publicação do vídeo, uma vez que buscam afetar negativamente alguns valores, especialmente, sua reputação e autoridade.

Apoiados no percurso que traçamos, podemos dizer que os comentários analisados revelam, por parte de seus sujeitos, um perfil de direita, conservador, e intolerante, que vislumbra no sujeito locutor, Jean Wyllys, o membro de uma minoria, que é encarado, aparentemente, como representante de um inimigo a ser combatido.

8 Considerações Finais

Nossa intenção, com o estudo aqui apresentado, foi trazer uma modesta contribuição às discussões em torno da recepção e dos discursos de ódio nas redes sociais. A partir da articulação das propostas de

Charaudeau (2008) e Barros (2015), acrescidas dos percursos temáticos por nós incorporados, elaboramos um quadro que nos permitisse descrever os dados do nosso corpus e analisar os discursos de ódio que neles se manifestam.

Tal análise nos permitiu identificar um número extremamente alto de manifestações de ódio que, no caso dos nossos dados, definem comportamentos característicos da doutrina de direita e do conservadorismo, dentre eles: o autoritarismo, a segregação e o patriarcado.

Acreditamos que a análise dos comentários que compõem o nosso corpus pode servir não apenas como uma verificação dos efeitos obtidos pela postagem em questão, mas também, como um indício que nos permite compreender como se dá a interação nas redes sociais e como ela pode se constituir não só como um espaço de discussão, polêmica e difusão de discursos de ódio, mas, também, como tentativa de silenciamento, opressão, e como mecanismo de manutenção de poder.

Por fim, temos a convicção de que as discussões em torno da temática da violência verbal e dos discursos de ódio são muito relevantes no cenário que vivemos, uma vez que podem servir como denúncia das atitudes de intolerância que se evidenciam, de forma crescente, na nossa sociedade.

Agradecimentos

Agradecemos ao apoio do CNPq, por meio de Bolsa de Produtividade em Pesquisa, para a realização deste trabalho.

Referências

AMOSSY, R. Por uma análise discursiva e argumentativa da polêmica. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, v. 13, p. 227-244, 2017. DOI: <https://doi.org/10.17648/eidea-13-1526>

BARROS, C. J. Com medo de ameaças, Jean Wyllys, do PSOL, desiste de mandato e deixa o Brasil. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 24 jan. 2019. Poder, s/p. X. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/com-medo-de-ameacas-jean-wyllys-do-psol-desiste-de-mandato-e-deixa-o-brasil.shtml>. Acesso em: 24 jan. 2019.

- BARROS, D. L. P. de. Intolerância, preconceito e exclusão. In: LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. (org.). *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Editora Contexto, 2015. 206 p.
- BOURDIEU, P. O capital social – notas provisórias. In: CATANI, A.; NOGUEIRA, M. A. (org.). *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 67-67.
- BRUGGER, W. Proibição ou proteção do discurso de ódio? Algumas Observações sobre o Direito Alemão e o Americano. *Revista de Direito Público*, Brasília, v. 1, n. 15, p. 117-136, 2007. DOI: <https://doi.org/10.11117/22361766.15.01.04>. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/1418/884%3E>. Acesso em: 8 fev. 2020.
- CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L.; e MELLO, R. de. *Gêneros reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: Nad/Fale-UFMG, 2004. p. 13-42.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARAUDEAU, P. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In: BOYER, H. (org.). *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène*. Paris: L'Harmattan, 2007. p. 49-62.
- CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHARAUDEAU, P. Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização. In: STAFUZZA, G.; PAULA, L. (org.). *Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil*. Uberlândia: EDUFU, 2010. p. 34-47.
- CHARAUDEAU, P. Du discours politique au discours populiste. Le populisme est-il de droite ou de gauche? In: CORCUERA, F. et al. (org.). *Les discours politiques*. Regards croisés. Paris: L'Harmattan, 2016. p. 32-43.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. La polémique et ses définitions. In: GELAS, N; KERBRAT-ORECCHIONI, C. (org.). *Le discours polémique*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon. 1980. p. 3-40.

KLEINBERG, J.; EASLEY, D. *Networks, Crowds, and Markets: Reasoning about a Highly Connected World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

MEYER-PFLUG, S. R. *Liberdade de expressão e discurso do ódio*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2009.

RECUERO, R. O capital social em rede: como as redes sociais na internet estão gerando novas formas de capital social. *Contemporânea: Comunicação e Cultura*, Salvador, v.10, n. 3, p. 597-617, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/1809-9386contemporanea.v10i3.6295>

RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009. 191 p.

SARMENTO, D. A liberdade de expressão e o problema do *hate speech*. *Revista de Direito do Estado*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 53-106, 2006.

SHAFER, G.; LEIVA, P. R. C.; SANTOS, R. H. Discurso de ódio. Da abordagem conceitual ao discurso parlamentar. *RIL*, Brasília, v. 52, n. 207, p. 143-158, 2015.

ZANELLO, V. Xingamentos: entre a ofensa e a erótica. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO - CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 8., 2008, Florianópolis. *Anais [...]* Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/221706218_Xingamentos_entre_a_ofensa_e_a_erotica. Acesso: 4 fev. 2020.